

PARA UM ESTUDO SOBRE A INTERROGAÇÃO RETÓRICA

ANA BELA AFONSO
(Universidade de Vigo)

Continuamos, neste XV Encontro da APL, a estudar a interrogação.

É que de facto, interrogar, é um comportamento humano dos mais intrigantes, estimulantes e até fundamentais.

Todos sabemos o valor que atribuímos às perguntas e às respostas, por exemplo num processo de julgamento, numa entrevista a um primeiro emprego, numa situação de defesa de tese, às perguntas que nos colocam no fim de uma comunicação... todos atribuímos importância àquelas perguntas que nos surpreendem e às vezes nos apanham desprevenidos: por que não há primeira-feira nos dias da semana? Todos atribuímos importância às perguntas que invadem os jornais e a nossa consciência: até quando o inferno em Timor Loro Sae?

Como tivemos já oportunidade de afirmar, as perguntas colocam-se constantemente no percurso da nossa existência, surgem em continuidade e adaptação aos nossos diversos contextos vivenciais. Activam as nossas reflexões e posturas, estimulam o nosso pensamento e linguagem, revolucionam os nossos fundamentos.

Ora a actividade enunciativa é também um processo de questionamento. Se o estudo da linguagem considerou a asserção como a realidade primeira, a base de onde derivariam todas as outras formas, no âmbito da Linguística, que agora retomamos, a interrogação foi alvo de numerosos estudos que irromperam nas décadas de 60 e princípio de 70.

Destacam-se, neste contexto, as perspectivas que alargaram o tratamento estritamente sintáctico a que a gramática tradicional circunscrevia o estudo da interrogação e que têm vindo a ser desenvolvidas, a partir da década de 80, através de investigações (cf. Parret et alii, 1980; Anscombe & Ducrot, 1983;

Lopes, 1971; Mateus et alii, 1989; Jacqueline Léon, 1998; Campos & Xavier, 1991; Joaquim Fonseca, 1994; entre outros) que se distanciam também da perspectiva que postula o acto de perguntar reduzido à expressão de um acto ilocucionário em que o locutor pede ao alocutário que lhe forneça uma informação (conforme esquema de comunicação fundamentado em *Speech Acts* de Searle (1969) e nas "*Máximas Conversacionais*" de Grice (1975)).

Os estudos atrás referidos não se restringem unicamente ao critério sintáctico, tendo antes alargado a descrição e explicação da Interrogação a outros domínios, com destaque, sobretudo, para a semântica e pragmática. Na generalidade estes autores sustentam uma perspectiva que encontra no par pergunta/resposta uma imbricação que se estabelece a nível semântico, sintáctico e pragmático.

Milner (1973) e J. & J. Milner (1975) e Campos & Xavier (1991), entre outros, fundamentam a necessidade de estudar o par pergunta/resposta, em vez da pergunta enquanto acto enunciativo isolado. De facto, interrogar é sobretudo uma actividade interenunciativa, fortemente implicadora da existência e da posição do "outro", do destinatário (Fisher, 1992: 219; Kerbrat-Orecchioni, 1991: 10). Hoje em dia as perspectivas linguísticas da interrogação não dissociam o seu estudo do contexto pergunta/resposta e na síntese das diversas correntes que Jacqueline Léon (1998) faz sobre o par pergunta /resposta, podemos concluir que na globalidade, antes de serem contraditórias, estas concepções são, sobretudo complementares.

Ora como enquadrar então neste princípio a interrogação retórica?

Esta interrogação é vulgarmente classificada como uma asserção e não como uma interrogação. Gardes-Tamine (1993: 32) apelida-a de "fausse question", uma vez que não corresponde a um pedido de informação, mas a uma afirmação e de facto, se, ao interrogar, o enunciador constrói uma asserção, é porque esta interrogativa inclui a sua própria resposta, não instanciando o co-enunciador como segundo enunciador.

No tratamento que algumas gramáticas dedicam à interrogação (cf. Cuesta, 1980: 401, 509; Cunha, 1994: 352-356, 539-540; Mateus et alii, 1989: 237-248; Lopes, 1971: 218-219, 249, 261; Wagner & Pinchon, 1962: 533-547; entre outros) a interrogativa retórica não é incluída, e muitas vezes sequer, referida.

Guillemín-Flescher (1995: 435) sintetiza as propostas de análise que são apresentadas pelas gramáticas e dicionários em geral para a interrogação retórica:

- a) pergunta que corresponde a uma asserção,
- b) pergunta formulada com fins retóricos,
- c) pergunta que não requer resposta,
- d) pergunta que não faz apelo ao interlocutor, senão para captar a sua concordância.

Ora esta ideia de interrogação retórica pressupõe uma outra: a de que

existem perguntas, dificilmente identificadas no ponto de vista formal, uma vez que não admitem qualquer resposta. E o simples facto de tais objectos linguísticos existirem, com o nome de perguntas, parecerá pôr em causa a importância que os linguistas, que estudam a interrogação, atribuem à imbricação do par pergunta/resposta, encontrando nele uma estabilidade que assenta em três características principais:

a) pedido de informação ou confirmação no enunciado interrogativo; ora na interrogação retórica não há troca de informação,

b) alguns autores (Léon, 1996) acrescentam o valor da entoação na identificação do valor da interrogação: mas no que respeita à interrogativa retórica, Diller (1980) aponta a dificuldade em estabelecer a diferença entre algumas algumas asserções exclamativas e as interrogativas retóricas, como será o caso de "tu ainda estás aí?",

c) obrigatoriedade de resposta, ou seja, a construção de um enunciado assertivo exigido na interrogação.

Mas na interrogação retórica não há admissão de resposta: a pergunta é colocada para suscitar a adesão do co-enunciador ou lembrar-lhe informações já conhecidas.

Em relação a este ponto convém referir que alguns autores divergem. Numa abordagem sintáctico-semântica Borillo (1978: 712) considera que a resposta a uma pergunta retórica é possível (na medida em que o seu sentido e forma são dedutíveis das forma e sentido da interrogação retórica); na abordagem de Anscombe e Ducrot (1881 e 1983) a interrogação comporta sempre uma obrigação de resposta e ambas desempenham um papel argumentativo, pelo qual todas as interrogativas em "est-ce que p?" têm um valor argumentativo co-orientado a ~p. Dito de outro modo, a interrogativa retórica constrói uma resposta anti-orientada. É o que também refere o resumo de uma citação de Fontanier (1830: 368, citado em Campos & Xavier, 1991) para este autor uma interrogativa retórica consiste em tomar a palavra não para expressar uma dúvida ou exigir uma resposta, mas para marcar, pelo contrário, a maior persuasão e impedir, àqueles a quem se fala, a possibilidade de poder negar ou mesmo responder ... mas uma singularidade surpreendente é que, com a negação ela afirma e sem negação ela nega (tradução e adaptação nossas). Esta posição é partilhada por Milner (1973) entre outros, para quem ao co-enunciador é anulada a possibilidade de resposta, mas já numa perspectiva conversacional, Frank (1990) considera que, pelo contrário, é precisamente a resposta que identifica uma interrogação como interrogação retórica.

Ultrapassando esta relação interrogação retórica/par pergunta -resposta, para alguns autores (Borillo (1981), entre outros) a interpretação deste tipo de interrogação é determinada pela presença de marcas explícitas que directamente se relacionam com a complexidade das regras sintáctico-semânticas:

a) tipo de verbos - os verbos mais frequentes são os verbos de opinião ou conhecimento e os verbos volitivos (tipologia de Franckel e Lebeaud, 1990): "achas que tens razão?" equivalente a "não tens razão" / "imaginas o que isso é?" equivalente a "não imaginas o que isso é" / "queres ir de castigo, queres?" equivalente a "tu não queres ir de castigo",

b) outra das marcas explícitas é a ocorrência dos marcadores lexicais (os advérbios interrogativos, por exemplo),

c) bem como marcadores de quantificação (os advérbios "tão", "tanto", "muito", p. ex. que marcam um valor de alto grau nas asserções: "isso é tão urgente!", quando ocorrem em enunciados interrogativos retóricos, reforçam o sentido negativo da interrogativa e assim a interrogativa "isso é assim tão urgente?" equivale a "isso não é assim tão urgente",

d) por último, os factores de acentuação e entoação são também importantes, segundo Borillo, para a caracterização das interrogativas retóricas.

Contudo face à dificuldade de identificação a nível prosódico entre algumas exclamativas e interrogativas retóricas (o exemplo atrás apontado "tu ainda estás aí?" é representativo dessa dificuldade), poderemos socorrer-nos da Teoria Formal Enunciativa e dar conta tanto dessa diferença, como da especificidade deste tipo de interrogativa.

Nesta perspectiva, a interrogação retórica apresenta ainda, e como veremos, outras marcas explícitas.

Tendo em consideração que enunciador e co-enunciador participam sempre na (re)construção do texto, poderemos também considerar que na construção de enunciados interrogativos, esta relação dinâmica é afectada por uma diversidade de valores modais próprios da interrogação. Um desses valores modais é precisamente o da interrogação retórica.

Na relação não simétrica entre o enunciador da pergunta (que não valida a relação predicativa subjacente ao enunciado) e o enunciador da resposta (que em princípio validará a relação predicativa) há sempre, no processo de construção de significação, uma orientação para um valor tipo, um centro organizador ou um centro atractor, enquanto ponto de estabilização.

Ora essa orientação é muitas vezes fornecida no próprio enunciado interrogativo, apesar da não validação da relação predicativa.

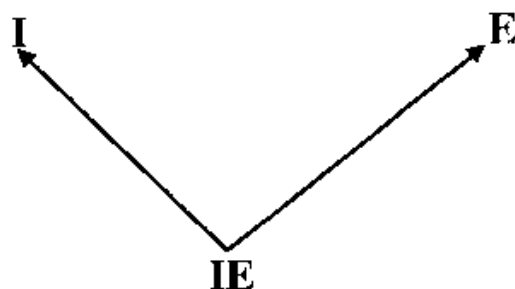
É precisamente no estudo deste facto que se torna útil e operacional o conceito de domínio nocional, conceito que contribuiu para observar com rigor como, por exemplo no caso da **interrogação retórica**, o sujeito enunciador efectua a construção do caminho que, partindo de uma posição inicial, aparentemente fora do domínio de validação, passa pelas zonas possíveis, até finalmente concluir o percurso, situando mesmo, a ocorrência, na zona seleccionada :

em I (no Interior)- ex: quem não quer tirar boas notas? (equivale a "todos

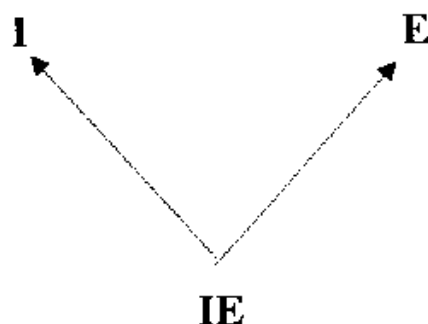
querem tirar boas notas”);

em **E** (no Exterior)- ex: queres ficar de castigo, queres? (equivale a tu não queres ficar de castigo). Contudo, a nível da linearidade textual, o enunciado apresenta a forma de interrogação.

Em Culioli ([1988] 1990: 91-113; 1990: 83-90; entre outros) é desenvolvida a representação da potencialidade dos caminhos possíveis na validação ou não validação de uma relação predicativa, apresentando o autor a subteoria da *bifurcação IE / I / E*:



Teremos assim, em termos de representação, o protótipo da bifurcação. A orientação é representada topologicamente por um **vector** (correspondente ao gradiente do domínio nocional), tem uma **direcção** (em relação ao Interior ou Exterior do domínio) e um **sentido** (para o Interior ou para o Exterior), sendo possível, segundo Culioli ([1988] 1990: 99) efectuar na bifurcação diversas operações, como a conservação dos dois caminhos, tal como acontece com a construção de uma interrogação. ex: **fizeste o trabalho de casa? (I ou E)**



Ao produzir uma interrogação, o sujeito enunciador posiciona-se no exterior do domínio de validação: em **IE** (numa situação compatível com **I** e com **E**).

Mas no caso da **interrogação retórica**, o sujeito enunciador efectua a construção do caminho que, partindo de uma posição inicial, aparentemente fora do domínio de validação (fora de p,p'), passa pelas zonas possíveis, até finalmente concluir o percurso, situando mesmo, a ocorrência, na zona seleccionada.

Acontece que em todos os outros tipos de interrogação, o sujeito enunciador não procede, de facto, à validação da relação predicativa subjacente ao enunciado, situando a ocorrência na zona seleccionada (em **I** ou em **E**).

embora em muitos casos seja possível a sua orientação.

Analisemos agora o contexto em que geralmente estas interrogativas ocorrem.

Segundo Culioli ([1988] 1990: 171) *"toute interrogation comporte une opération de parcours sur le domaine des valeurs possibles. Dans ce cas, le site, c'est le recours à autrui, comme capable de fournir la valeur définie et stable que ne peut découvrir celui qui pose la question. Interroger, c'est parcourir, de façon abstraite, les valeurs imaginables sans pouvoir en distinguer une qui soit valide. Le recours (réel ou fictif) à autrui fournit la représentation d'une issue à ce parcours."*

Se de facto, e como vimos, uma pergunta corresponde a uma relação não validada e se o recurso ao co-enunciador (para a construção dessa validação) são particularidades características e definidoras da interrogação, como explicar que numa interrogativa retórica se construa uma relação enunciativa na forma interrogativa, sem que depois o co-enunciador possa assumir a validação dessa relação?

Uma explicação para este facto é-nos apontada por Campos & Xavier (1991: 347): *"[...] ao contrário do que se passa com o enunciado com valor interrogativo, a descrição da interrogação retórica não pode ser independente do contexto em que essa interrogação ocorre"*.

Esta é, de facto, uma característica determinante para a descrição da interrogação retórica.

Tomemos o contexto enunciativo de um exemplo de interrogação retórica ocorrido no *corpus*:

Profes.: [...] hã? Diz!

Zé Maria: //silêncio//

Renato: aceita qualquer tipo de trabalho

Profes.: tu chamas-te Zé Maria?

Esta interrogativa contém a própria resposta, pelo que esta não deverá ocorrer.

Só **aparentemente** é que esta interrogativa constrói, quer a antecipação do espaço enunciativo em que a resposta seria produzida, quer a instanciação do próprio co-enunciador como segundo enunciador.

Na interrogação retórica o enunciador não parte, nem de um pedido de informação (a Professora sabe perfeitamente que o Renato não se chama Zé Maria, para além de que, o espaço enunciativo que antecipadamente constrói é dirigido especificamente à eventual resposta do Zé Maria e não do Renato), nem de um pedido de confirmação, como aconteceria numa interrogativa "tag". O contexto discursivo é, de facto, determinante na construção desta interrogativa. A

este propósito J. Fonseca (1994) conclui que a retoricidade das perguntas não decorre da interrogativa, mas é antes activada por dados contextuais e cotextuais.

Ao ser incluída a resposta na própria pergunta, ao co-enunciador não é dada a oportunidade de se constituir como um segundo enunciador. O contexto em que ocorre explica o carácter avaliativo que esta interrogação comporta. Se o co-enunciador (Renato) constrói a resposta ao reconstruir a pergunta (eventualmente: "eu não me chamo Zé Maria), torna-se desnecessário que construa o que já está construído na própria pergunta e confirmado no contexto ("tu chamas-te Zé Maria?" equivale a "tu não te chamas Zé Maria") e portanto não se assume como segundo enunciador. Se o faz, é para confirmar o que o primeiro enunciador construiu. Neste caso a resposta mais provável seria, por exemplo: "desculpe", que confirma o carácter de avaliação moral e de censura que esta interrogação geralmente comporta.

Pelo contrário, e em relação ao valor negativo que as interrogações retóricas comportam, Culioli (idem; ibidem), distingue interrogativas-negativas e interrogativas retóricas.

As interrogativas-negativas, por exemplo: "ele não viajou?", são pedidos de confirmação que, contrariamente aos pedidos de informação que postulam os valores equiponderados *p* e *~p*, são sempre enviesadas, ou seja, ponderadas de um lado ou de outro. Há sempre uma orientação, para *I* ou para *E*, para a validação, na resposta, da relação predicativa.

Quanto às interrogativas retóricas (por exemplo: "onde é que ele não viajou?") constroem por um lado o pressuposto: *existirá algum sítio onde se possa dizer que ele não foi* e a resposta é: *ele foi a todo o lado*.

Notar-se-á que a diferença notada em Culioli (1988) entre interrogativa-negativa e interrogação retórica segue a diferença entre interrogativa total e interrogativa parcial. Numa interrogativa parcial como "como poderia eu fazer de outra maneira?" a resposta construída "eu não poderia fazer de outra maneira" corresponde à negação de um pressuposto ou pré-construído. Numa interrogativa total, como é o exemplo: "será que poderia fazer de outro modo?" a leitura retórica "eu não poderia fazer de outro modo" corresponde à negação da proposição subjacente expressa pela pergunta. A interrogação retórica implica sempre um percurso com desvio, seja sobre dois valores (é o caso da interrogativa total retórica: "poderia fazer de outro modo?"), seja sobre uma classe de argumentos não instanciados (como é o caso da interrogativa parcial retórica: "como poderia fazer de outro modo?"). Este tipo de interrogação ocorre num contexto em que geralmente se produzem os discursos religiosos, políticos ou mesmo de publicidade, incluindo, claro está, os discursos de autoridade. Trata-se, nesta interrogação, de **questionar a posição que se atribui ao outro**, um outro que neste contexto enunciativo Culioli ([1988] 1990: 110) considera fictício. De facto, neste tipo de interrogativa o co-enunciador não é um interlocutor. Se o

enunciador constrói uma interrogação em vez de um enunciado assertivo (que, segundo Borillo (1981: 6), poderá ser interpretado como uma manifestação de autoridade passível de provocar um bloqueamento na comunicação). É porque a interrogação retórica funciona como uma estratégia discursiva. De facto, a interrogação conserva a aparência formal de apelo ao outro, de solicitação de uma implicação que o enunciador pretende alargar ao seu co-enunciador (mesmo - ou sobretudo - quando se trata de uma chamada de atenção, como é o caso dos exemplos ocorridos: como queres depois ter positiva? tu chamas-te Zé Maria? Para além desta particularidade da interrogação retórica, uma outra se pode acrescentar: se a interrogativa (total ou parcial) retórica é negativa, tem valor de asserção positiva, e se é positiva, tem valor de asserção negativa. Neste caso, a pergunta "tu chamas-te Zé-Maria?" corresponde a uma chamada de atenção ao Renato por este se ter constituído como um segundo enunciador num espaço enunciativo previamente construído para o Zé Maria, podendo este enunciado ser por isso glosado com o valor negativo que comporta: "tu não te chamas Zé-Maria". A procura da explicação deste facto tem determinado o estudo do valor negativo que estas interrogativas comportam. A primeira condição deste 'paradoxo' está relacionado com questões de ordem sintáctico-semântica, e tem a ver, segundo Guillemin-Flescher (1995), com o bloqueamento da possibilidade de seleccionar um valor estabilizado no percurso dos valores possíveis. Um dos critérios que permitem este bloqueamento é, segundo esta autora o facto de a interrogação retórica construir sistematicamente uma avaliação modal (avaliação no sentido de cognição, julgamento). Esta avaliação tem como suporte os predicados dos enunciados interrogativos, cujo valor semântico e modal remete para processos intrínsecos, não verificáveis segundo critérios externos, como são os verbos de percepção e conhecimento. Também Borillo (1981) chama a atenção para a frequência com que as interrogações retóricas exprimem juízos sobre princípios morais. Mas enquanto Borillo (1978) faz equivaler interrogativo-negativas e interrogativas retóricas, Culioli distingue estas duas formas modais.

Em Culioli ([1988] 1990: 111) é-nos apresentado um exemplo tirado de um pensamento de Pascal e que eu traduzirei:

Quem não a vê? (a vaidade do mundo).

Sabemos que "quem não a vê?" corresponde a "não existe ninguém que não a veja". As operações subjacentes são as seguintes:

- a) construção do domínio das ocorrências da propriedade /humano/
- b) percurso desse domínio com o objectivo de procurar se existe alguma ocorrência assinalável no lugar do argumento não instanciado na relação predicativa não saturada <() a ver> alguém corresponde ao argumento vazio.
- c) se for o caso, a relação predicativa será validada.

Mas o que caracteriza este enunciado é, como já foi referido, o que o autor chama um "desvio retórico": constrói-se o Exterior de "<() a ver> validado" e

constata-se que, qualquer que seja a ocorrência considerada (esta ou aquela pessoa), ela não permite instanciar o lugar vazio no complementar de “< () a ver > validado”. Donde se conclui que se não existe nenhuma pessoa da qual se possa dizer “ela não vê a vaidade do mundo” (complementar vazio), ora isso significa que todas as pessoas a vêem. Há portanto um duplo movimento:

1º) de I para E (não existe ninguém que não a veja; em que o primeiro *não* (“não existe”) marca uma inversão com percurso, marcado por “ninguém”; enquanto que o segundo *não* (não a veja) marca a passagem de I para E sem percurso;

2º) de E, vazio, para I (todos a vêem).

Resumindo, a interrogação retórica bloqueia a validação do percurso por parte do co-enunciador, ao qual não é permitido assinalar nenhum valor e por sua vez remete para um valor de alteridade mas não de identificação em relação ao domínio nocional visado (deste modo se explica também a diferença entre a um enunciado exclamativo e uma interrogação retórica).

Algumas conclusões

Procuramos com este trabalho contribuir para o estudo da interrogação retórica, partindo de exemplos, uns construídos, outros extraídos de um *corpus* de transcrição de aulas de português.

Face à estratégia linguística actual de estudar a interrogação em relação com o par pergunta/resposta, mas na qual dificilmente enquadra este tipo de interrogativa “que não exige resposta”, concluímos que baseando-nos sobretudo na teoria do domínio nocional do modelo de A. Culioli (Culioli ([1988] 1990: 95), poderemos verificar como o contexto em que esta interrogação ocorre é determinante nas operações que a caracterizam:

1) Se com a interrogação em geral, o sujeito enunciador não valida a relação predicativa subjacente ao enunciado, mas antes remete essa tarefa para o co-enunciador, construindo antecipadamente o seu espaço enunciativo para a construção da resposta, com a interrogação retórica o enunciador bloqueia essa possibilidade ao co-enunciador, através de um uma re-orientação modal que Culioli denomina “desvio retórico” (Culioli ([1988] 1990: 111). Trata-se nesta interrogativa de questionar a posição que se atribui ao co-nunciador, neste caso considerado como fictício.

2) É por isso que este tipo de interrogação ocorre em contextos em que geralmente se produzem os discursos de autoridade (religiosos, políticos, de publicidade, escolares, etc.). O enunciador desta interrogação tem sempre uma posição de maior poder em relação ao co-enunciador.

3) A interrogação retórica (IR) situa-se sistematicamente em relação directa ou indirecta com uma situação anterior; este esquema implica um pré-construído não compatível com IR, pelo que esta interrogativa constrói uma

avaliação modal.

4) Esquematisando os percursos desta representação que poderemos visualizar com o apoio do conceito de bifurcação (Culioli ([1988] 1990: 91-113; 1990: 83-90; entre outros), configuração em V dos caminhos nocionais possíveis, para o Interior ou Exterior, na validação de uma relação predicativa, poderemos então dizer que o enunciador da IR, apesar de aparentemente não validar a relação predicativa (o enunciado tem a forma interrogativa), percorre afinal um caminho nocional que assenta numa inflexão face ao valor modal que o contexto pré-determinaria e estabiliza nesse ponto a ocorrência.

Este desvio retórico poderá ser do Interior para o Exterior, por exemplo: "como queres depois ter positiva?" - o ponto visado é I (a interrogativa faz-se na forma afirmativa), mas a relação predicativa é orientada e estabilizada em E, (glozando teremos: tu não terás positiva se continuares a não estudar). A outra possibilidade de desvio retórico poderá ser do Exterior para o Interior, como será o caso de: "Quem não deseja ter saúde?" e o percurso é exactamente o oposto, sendo a ocorrência estabilizada no Interior (como não foi encontrada no caminho nocional para E qualquer ocorrência, então é construída uma inflexão retórica que glozada corresponderá a "todos querem ter saúde").

Referências bibliográficas

ANSCOMBRE, J.-C. & DUCROT, O.

1981 "Interrogation et argumentation", *Langue Française* 52, 5-22.

1983 *L'Argumentation dans la Langue*, Bruxelles, Pierre Mardaga Ed.

BERNARD, G.

1992 "Formalisation dynamique des relations prédicatives" in *La Théorie d'Antoine Culioli: ouvertures et incidences*, Paris, Ophrys, 163-183.

BORILLO, A.

1978, Structure et valeur énonciative de l'interrogation totale en français, Thèse d'Etat, Université de Provence, citado em Léon, Jacqueline (1996) *Revue de Sémantique et Pragmatique*, Numéro 1, pp.38.

1981 "Quelques aspects de la question rhétorique en français", *DRLAV* 25, 1-33.

CAMPOS, M.H.C. & M.F. XAVIER

1991 *Sintaxe e Semântica do Português*, Lisboa, U.A.

CUESTA, P.V. & LUZ, M.A.M.

1980 *Gramática da Língua Portuguesa*, tradução portuguesa, Lisboa, Edições 70.

CULIOLI, A.

1988 "La Négation: Marqueurs et Opérations", *Travaux du C. Recherches Sémiologiques* 56: 17-38.

1990 *Pour une linguistique de l'énonciation*, Paris, Ophrys.

PARA UM ESTUDO SOBRE A INTERROGAÇÃO RETÓRICA

- 1992 "Ouverture" in *La Théorie d' Antoine Culioli: ouvertures et incidences*. Paris, Ophrys, 3-15.
- CUNHA, C. & CINTRA, L.F.L.
1984 *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- FAUCONNIER, G.
1981 "Questions et actes indirects", *Langue Française* 52. 44-55.
- FONSECA, F.I. et alii
1994 *Pedagogia da Escrita Perspectivas* Porto, Porto Editora.
- FRANCKEL, J.-J. & LEBAUD, D.
1990 *Les figures du sujet*. Paris, Ophrys.
- GUILLEMIN-FLESCHER, J.
1995 "Questions Rhétoriques et évaluation modale" in *Langues et langage. Problèmes et raisonnement en linguistique*, Paris, Presses Universitaires de France, 435-457.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. et alii
1991 *La Question*, Presses Universitaires de Lyon.
- LÉON, Jaqueline
1996 "La Question de l'Articulation Sémantique/Pragmatique dans le Travail de Description Linguistique" in: *Revue de Sémantique et Pragmatique*, Numéro 1. pp.38.
- LOPES, O.
1973 *Gramática Simbólica do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- MATEUS, M.H. et alii
1989 *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho.
- MILNER, J. & MILNER, J.-C.
1975 "Interrogations, Reprises, Dialogue" in *Langue, discours, société - Pour Emile Benveniste*, Paris, Seuil, 122-148.
- SEARLE, J.R.
1969 *Speech acts. An essay in the philosophy of language*. Cambridge, Cambridge University Press (Tradução portuguesa: *Os Actos de Fala*, Coimbra, Almedina, 1984; tradução francesa: *Les actes de langage*, Hermann, 1972).
- WAGNER, R. L. & PINCHON, J.
1962 *Grammaire du Français classique et moderne*, Paris, Hachette.